

ABBA PAI

O amor de Deus Pai



Pastor Dr. JOSÉ ROBERTO CRISTOFANI

INTRODUÇÃO AO TEMA: PAI NOS DIAS ATUAIS



Nossa reflexão começa sob o impacto da figura do “pai” nos dias atuais, figura apresentada com papéis sociais definidos e distintos, por exemplo, como o de “provedor”, “protetor”, “educador”, entre outros. Pai definido como “biológico” ou simplesmente como “adotivo” (padrasto). O dito “pai ausente” que, por causa de muitas circunstâncias

de trabalho, viagens, e outras ocupações, está ausente do dia a dia de seus filhos. A falta de diálogo entre pai e filho que cria um grande fosso no relacionamento. O distanciamento do pai da família por vários motivos. O desinteresse afetivo ou a falta de qualquer manifestação

carinhosa de muitos pais. A falta de assistência aos filhos por parte de muitos. A carência de políticas públicas e sociais que permitam ao pai de nossos dias sustentar com dignidade sua prole. Pai que não reconhece a paternidade de uma criança, até que um exame de DNA assim o comprove. Pai que abandona seus filhos, que, pior ainda, age de forma abusiva, com violência física, moral, espiritual e, mesmo, sexual.

É dentro deste quadro social e familiar que se impõe uma reflexão cristã sobre a paternidade de Deus Pai. Como chamar Deus de “Pai” em meio a uma situação dessas? Quais os aspectos de paternidade são evocados quando alguém invoca Deus como pai? Que campo de significados se abre na mente, na memória, na história intrapsíquica das pessoas quando a figura paterna é utilizada para referir-se a Deus?

TEMAS ABORDADOS:

INTRODUÇÃO À TEMÁTICA: Colocação do problema e definições de Abba Pai.

ABBA PAI NO ANTIGO TESTAMENTO: Teologia Bíblica de Abba Pai no Antigo Testamento.

ABBA PAI NO NOVO TESTAMENTO: Teologia Bíblica de Abba Pai no Novo Testamento.

ABBA PAI NOS DIAS ATUAIS: Reflexões sobre a figura de Deus Pai.



DEFINIÇÕES DE ABBA PAI

É necessário formular essas e outras questões para procurar entender como a linguagem ordinária, transmutada em teológica, afeta nosso conceito de Deus. Isso mesmo, “conceito de Deus”, pois que muitos de nós não temos um relacionamento com Deus, mas apenas um conceito do mesmo. E isso pode ser explicado, em parte, pela abordagem, quase sempre, ontológica que a teologia faz de Deus, usando uma linguagem referencial e filosófica.

Não se trata de trocar o termo “pai” por outro como: “mãe”, “amigo” ou termo que o valha. Todavia, é imprescindível refletir sobre as fórmulas bíblicas de tratamento pessoal com Deus, isto é, perguntar pelas experiências existenciais daquelas pessoas que chamavam Deus desta ou daquela forma. Buscar compreender como a realidade cotidiana afeta a linguagem relacional com a divindade e como cada uma dessas experiências tornaram-se coletivas, porquanto partilhadas por muitas pessoas.

A mudança de foco na abordagem significa a troca de paradigmas, de pressupostos e de enfoque, e é a escolha de novos paradigmas com seus novos pressupostos e enfoque que buscamos. Como proposta preliminar de um novo paradigma colocamos o conceito “relacionamentos”. O pressuposto fundamental é de que os relacionamentos formam a base sobre a qual repousam a afetividade, os conflitos e sua resolução, a partilha de bens (simbólicos, materiais, espirituais e o que mais queiramos colocar), os encontros e desencontros, a satisfação de desejos, o acolhimento, o apoio, o perdão e tudo aquilo que pertence ao âmbito de relações interpessoais.

Quanto ao enfoque, privilegiamos a ruptura cartesiana de “sujeito x objeto”, buscamos superar este impasse filosófico pela adoção de uma postura, também filosófica, existencial, portanto, mais concorde com os relacionamentos acima propostos, ou seja, um enfoque “sujeito + sujeito”, que no caso das relações com Deus também se estabelecem por sermos “Imago Dei”, imagem e semelhança do Criador.

Assim, nossa busca por uma reflexão que faça jus a abordagem sugerida passa, necessariamente, pela troca de nossos paradigmas, pela revisão de nossos pressupostos e pela readequação do nosso enfoque. Isso inclui, portanto, revisitarmos nossa tradição bíblica, histórica e teológica, a partir da qual devemos avançar.

*Para iniciarmos nossa reflexão
começemos pela definição lexicográfica
de “Abba Pai” no Novo Testamento.*

“Abba” é uma palavra Aramaica que significa “pai”. Ela é a forma específica quando a palavra é utilizada para falar “A” alguém. Em outras palavras, se você deseja usar para os mais velhos ou de maneira mais formal, você pode traduzí-la por: “Oh pai!”

Esta forma é usada nas orações judaicas e nas orações da Igreja Primitiva. Encontramos Jesus usando-a quando ora no Getsêmani na tradição marcana. Duas outras vezes a expressão aparece em o Novo Testamento, em Romanos 8 e Gálatas 3, onde os cristãos são exortados a orarem clamando “Abba Pai”.

O grego lê “Abba Pater” completando a palavra aramaica (abba) com seu equivalente grego (pater). Isso pode tornar o significado claro. Porém, parece que os leitores gentios das cartas provavelmente já conheciam o significado desta palavra – como conheciam palavras hebraicas comuns como “Amen” e “hallelujah”.

Há uma noção bastante popular que a forma “Abba” é uma expressão infantil e significa “paizinho”. Mas isso não parece ser verdade, pois a terminação aramaica (alef) indica, simplesmente, que se está falando “a” alguém. A mesma forma aparece nas partes aramaicas da Bíblia que falam de Nabucodonosor – alguém diz: “Oh rei, viva para sempre”, e está claro que a pessoa não está usando uma maneira “infantil” de falar.

DEFINIÇÕES: ABBA

Abba

Hebraico (ab = pai), em Aramaico no estado enfático (abba = oh pai). Um título comum de Deus em orações. Quando ocorre no Novo Testamento (Marcos 14.36; Romanos 8.15; Gálatas 4.6) a expressão tem uma interpretação grega. Isto pode ser explicado, aparentemente, pelo fato de que o Aramaico, através do seu uso freqüente em oração, gradualmente adquiriu a natureza de um mais sagrado nome próprio, para o qual os judeus de fala grega adicionaram o apelativo de sua própria língua. (Thayer's Greek Lexicon)

Abba

Abba é uma forma aramaica como 'ab em Hebraico para o grego pater, (pai). Ao contrário do hebraico que usa o artigo definido no início da palavra, o aramaico utiliza um alef no final de um termo produzindo, assim, uma forma enfática. Isto é usado para expressar o caso vocativo e é encontrado em todas as passagens que ocorrem no Novo Testamento (sendo todas, uma invocação): Marcos 14.36; Romanos 8.15; Gálatas 4.6. O uso da apelação hebraica e grega endereçada a um Pai sugere que o espírito de adoção de Jesus, que foi o primeiro a usar a dupla invocação (abba, pater), inspirou, tanto judeus quanto gentios, experimentar o conhecimento de Deus como nosso Pai, porque Ele é o Pai de Jesus, que pela fé nos fez um. [...] (Fausset's Biblical Dictionary)

Abba

Nas orações judaicas e cristãs antigas, Abba foi o nome pelo que Deus era invocado, depois nas Igrejas orientais tornou-se um título para os Bispos e Patriarcas. Assim, Jesus dirige-se a Deus em oração (Mateus 11.25,26; 26.39,42; Lucas 10.21; 22.42; 23.34; João 11.41; 12.27; 17.24,25). Em Marcos 14.36; Romanos 8.15, e Gálatas 4.6 o grego ho pater, é adicionado ao aramaico em um sentido enfático. Aos servos não era permitido utilizar essa apelação os chefe da casa. (IESB Biblical Dictionary)

Abba

Palavra siríaca ou aramaica encontrada três vezes no Novo Testamento, Marcos 14.36 Romanos 8.15 Gálatas 4.6, e em cada caso é seguida do equivalente grego, que é traduzido por "Pai". Este é um termo que expressa afeição e confiança filial. Não há nenhum equivalente perfeito em nossa língua. Ela tem passado para as línguas européias como um termo eclesiástico: "abbot". (Easton's Biblical Dictionary)

Essas definições servirão de guias para as reflexões posteriores. No momento, basta para nos dar uma idéia da diversidade de opiniões acerca da expressão: "Abba, Pai".

ABBA PAI: ANTIGO TESTAMENTO

METÁFORA

A expressão “Abba, Pai” figura na Bíblia como uma metáfora, entre outras, utilizadas para se referir a Deus, como por exemplo: El-Elohe Israel, Pai da Glória, Deus, da Luz, Deus de Abraão, Isaque e Jacó, Deus de Israel, Pai dos Espíritos e assim por diante.

Começemos pelo estudo da palavra “pai” no Antigo Testamento.

O termo mais utilizado para “pai” no hebraico é “ab” que ocorre cerca de 1190 vezes em todo o Antigo Testamento. Este substantivo é, aparentemente, derivado de um determinado som de bebê tal como abab (papa), antes do que da raiz verbal assíria “abû” que significa decidir, sugerindo que o pai é aquele que “decide”. A Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento, verte “ab”, geralmente, por “pater”.

A palavra aramaica para “pai” é a mesma que no hebraico. Dai, com artigo definido (com alef no final da palavra), passou para o Novo Testamento, que em grego foi transliterada “Abba”.

O uso de “ab” no Antigo Testamento é rico e variado. Serve para designar “pai humano” (I Reis 5.15, Gênesis 2.24), como progenitor. Neste sentido, “ancestral de uma tribo ou nação” como em Gênesis 10.21. O termo em questão é utilizado, também, para designar o “primeiro” de uma classe ou profissão, como é o caso de Jabal que é mencionado em Gênesis 4.20 como o “... pai dos que habitam em tendas e possuem gado”, ou como o “chefe” dos artífices uma determinada localidade (cf. I Crônicas 4.14).



A palavra ainda aparece como um título honorífico de uma pessoa mais velha (I Samuel 24.12), de um mestre (II Reis 2.12), de um profeta (II Reis 6.21), de um sacerdote (Juízes 17.10), de um marido (Jeremias 3.4,19), entre outros.

Especialmente revelantes, são as ocorrências em Jó 29.16, Salmo 68.6 e Isaías 22.21, como se lê abaixo:

Eu era o pai dos necessitados, e me interessava pela defesa de desconhecidos. (Jó 29.16 - NVI)

Eu o vestirei com o manto que pertencia a você, com o seu cinto o revestirei de força e a ele entregarei a autoridade que você exercia. Ele será um pai para os habitantes de Jerusalém e para os moradores de Judá. (Isaías 22.21 - NVI)

No primeiro texto, a ocorrência de “ab” em Jó 29.16 está em um discurso de Jó no qual defende a sua integridade que consiste, entre outras responsabilidades,

em cuidar dos necessitados como um “pai” cuida da sua prole. A importância desta referência reside no fato de que o termo assim usado “pai dos necessitados” aponta para uma das funções do próprio Deus em relação aos menos favorecidos, como registrado no Salmo 68.6.

Pai para os órfãos e defensor das viúvas é Deus em sua santa habitação. (NVI)

O texto em questão mostra o interesse de Deus para com o seu povo, com os menos afortunados, especialmente, pois que ampara as pessoas mais carentes mencionadas no Antigo Testamento¹.

É evidente no texto em estudo que o fato de Deus ser chamado de “pai” revela um determinado grau de relacionamento que ultrapassa o formalismo honorífico de atribuir títulos a Deus e alcança as funções de paternidade conhecidas no Antigo Oriente Próximo, isto é, proteção e defesa, instrutor e companheiro.

1. Conferir a esse respeito: CRISTOFANI, José Roberto. *Javé o Amparador dos Excluídos – Exegese do Salmo 146*. In: RTL – Revista Teológica Londrinense, 3, (2002) 33-57.

Se a palavra “ab” é aplicada a Deus como um título honorífico, é claro, também, que ela se aplica a Deus de forma muito mais relacional do que formal.

Além disso, os textos provavelmente servem de indicadores de que em outras situações semelhantes, nas quais pessoas assumem a tarefa de ser um “pai” para os desamparados², para os órfãos, sobretudo, ou para a nação como um todo.

Por seu turno, Isaías 22.21, ao utilizar a mesma palavra hebraica para “pai”, a usa para atribuir a Eliaquim (22.20) a paternidade dos moradores de Jerusalém, papel também desempenhado por Javé em relação ao seu povo, como aparece em outros textos, por exemplo, em Deuteronômio 32.6:

É assim que retribuem ao SENHOR, povo insensato e ignorante? Não é ele o Pai de vocês, o seu Criador, que os fez e os formou? (NVI)

Assim Javé torna-se o “Pai de Israel”, seu filho, por tê-lo formado (criado) e passa a ser reconhecido como tal. Como diz Joachim Jeremias:

“A certeza de que Deus é Pai e Israel é seu filho não se funda no mito, mas em um ato único de salvação realizado por Deus, do qual Israel foi o alvo na história.”³

Pai por direito de criação, também podemos ver em Malaquias 2.10:

Não temos todos o mesmo Pai? Não fomos todos criados pelo mesmo Deus? Por que será, então, que quebramos a aliança dos nossos antepassados sendo infiéis uns com os outros?

E por direito de “formação”/libertação nos seguintes textos:

Entretanto, tu és o nosso Pai. Abraão não nos conhece e Israel nos ignora; tu, SENHOR, és o nosso Pai, e desde a antigüidade te chamamos nosso Redentor. (Isaías 63.16 - NVI)

Contudo, SENHOR, tu és o nosso Pai. Nós somos o barro; tu és o oleiro. Todos nós somos obra das tuas mãos. (Isaías 64.7[8] – NVI)

O fato de Javé apresentar-se como “pai” e “Israel” reconhecê-lo como tal, toma forte impulso nos profetas. Aqui e acolá, na literatura profética, podemos encontrar o estreito relacionamento gerado pela paternidade de Deus.

O profeta Oséias tem um texto que mostra a profundidade de um amor criador e incondicional de pai em relação a Israel. Em Oséias 11.1 podemos ler:

Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho. (NVI)

A sucessão de palavras “menino”, “amei”, “meu filho” demonstram um profundo afeto de Javé para com seu povo, afeto que se manifesta em um ato salvador, o Êxodo, e continua a se manifestar ao longo da trajetória de Israel. História conturbada de afastamento de Javé, mas sempre cercada de seus cuidados.

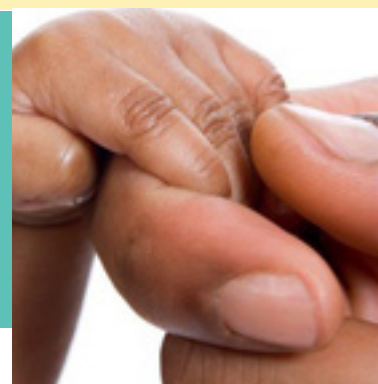
O texto prossegue dizendo:

3 Mas fui eu quem ensinou Efraim a andar, tomando-o nos braços; mas eles não perceberam que fui eu quem os curou. 4 Eu os conduzi com laços de bondade humana e de amor; tirei do seu pescoço o jugo e me inclinei para alimentá-los. [...] 8 Como posso desistir de você, Efraim? Como posso entregá-lo nas mãos de outros, Israel? Como posso tratá-lo como tratei Admá? Como posso fazer com você o que fiz com Zeboim? O meu coração está enternecido, despertou-se toda a minha compaixão. (Oséias 11.3ss - NVI)

A profusão de termos associados ao tratamento paterno que Deus dispensa ao “seu filho” (ensinou, tomando-os nos braços, eu quem os curou, laços de bondade e amor, inclinei para alimentá-los) culmina com a expressão “meu coração está enternecido, despertou-se toda a minha compaixão” (a ARA – Versão Almeida Atualizada lê:

2. Veja a palavra em Provérbios 22.22-23: 22 Não explore os pobres por serem pobres, nem oprima os necessitados no tribunal, 23 pois o SENHOR será o advogado deles, e despojará da vida os que os despojarem.

3. Joachim Jeremias, *A Mensagem central do Novo Testamento*, 3ª edição, São Paulo, Paulinas, 1986, p. 13.



Meu coração está comovido dentro de mim, as minhas compaixões, à uma, se acendem.).

Este clímax demonstra de forma inequívoca um modelo de “pai” que, como diz Joachim Jeremias:

Para os orientais, por mais que recuemos no tempo, a palavra “pai” aplicada para Deus evoca de certo modo o que a palavra “mãe” significa para nós.⁴

Assim, também no livro do profeta Jeremias, podemos ver idêntica comoção de Javé por “seus filhos”:

9 Voltarão com choro, mas eu os conduzirei em meio a consolações. Eu os conduzirei às correntes de água por um caminho plano, onde não tropeçarão, porque sou pai para Israel e Efraim é o meu filho mais velho. [...] 20 Não é Efraim o meu filho querido? O filho em quem tenho prazer? Cada vez que eu falo sobre Efraim, mais intensamente me lembro dele. Por isso, com ansiedade o tenho em meu coração; tenho por ele grande compaixão”, declara o Senhor. (Jeremias 31.9, 20 - NVI)

A ênfase da literatura profética é neste aspecto do cuidado paternal de Javé com seu povo, a eventual rebeldia do mesmo, seguido de exortação, arrependimento e compaixão de Javé. O testemunho do profeta Jeremias é contundente:

Voltarão com choro, mas eu os conduzirei em meio a consolações. Eu os conduzirei às correntes de água por um caminho plano, onde não tropeçarão, porque sou pai para Israel e Efraim é o meu filho mais velho. (Jeremias 31.9)

Outra vez, é Jeremias quem diz:

4 Você não acabou de me chamar: ‘Meu pai, amigo da minha juventude, 5 ficarás irado para sempre? Teu ressentimento permanecerá até o fim?’ É assim que você fala, mas faz todo o mal que pode. (3.4-5 - NVI)

“Eu mesmo disse: Com que alegria eu a trataria como se tratam filhos e lhe daria uma terra aprazível, a mais bela herança entre as nações! Pensei que você me chamaria de ‘Pai’ e que não deixaria de seguir-me. (3.19 - NVI)

O livro de Malaquias (1.6) usa de uma comparação entre o “pai/senhor” - “filho/servo” humanos para aplicar a Javé como “pai/senhor” de Israel:

O filho honra seu pai, e o servo, o seu senhor. Se eu sou pai, onde está a honra que me é devida? Se eu sou senhor, onde está o temor que me devem? pergunta o SENHOR dos Exércitos a vocês, sacerdotes. São vocês que desprezam o meu nome! Mas vocês perguntam: De que maneira temos desprezado o teu nome? (NVI)

O “pai misericordioso” que perdoa as iniquidades aparece nos escritos poéticos, por exemplo, no Salmo 103, especialmente no verso 13:

Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o SENHOR tem compaixão dos que o temem; (NVI)

As características desta paternidade apresentadas acima podem ajudar a compreender o papel assumido por Javé como “Pai”.

Entretanto, é necessário, ainda, considerar alguns textos do Antigo Testamento que não trazem a palavra “pai”, mas carregam os conceitos de paternidade apresentados.

Por exemplo, o acolhimento de um pai que pode ser visto no Salmo 27.10:

Ainda que me abandonem pai e mãe, o SENHOR me acolherá.(NVI)

Ou a comparação em Provérbios 3.12:

pois o SENHOR disciplina a quem ama, assim como o pai faz ao filho de quem deseja o bem.(NVI)

Ou mesmo a metáfora de Isaías 49.15 que diz:

Haverá mãe que possa esquecer seu bebê que ainda mama e não ter compaixão do filho que gerou? Embora ela possa esquecê-lo, eu não me esquecerei de você! (NVI)

É possível acrescentar outros textos aos já citados, mas para nosso propósito esses são suficientes, como pistas, para um trabalho contínuo de renovação das perspectivas sobre a paternidade de Deus no Antigo Testamento.

4. Joachim Jeremias, *A Mensagem central do Novo Testamento*, 3ª edição, São Paulo, Paulinas, 1986, p. 12.

ABBA PAI: NOVO TESTAMENTO



De fato, encontramos no Novo Testamento textos que usam o termo “Pai” para se dirigir a Deus em muito maior número que no Antigo Testamento, o que, a princípio, pode ser atribuído ao novo

contexto no qual os trechos foram escritos. Entretanto, podemos aprofundar as causas que levaram o Novo Testamento a tal abundância de referências a Deus como “Pai”.

Um Equívoco

É corrente uma tese muito popular que defende a idéia de que o Deus do Antigo Testamento é muito diferente do Deus que podemos encontrar em o Novo Testamento. Essa tese sustenta que a figura de Deus no Antigo Testamento é um Deus transcendente, distante, punitivo e, até, violento.

Certamente que a interpretação de muitas passagens do Antigo Testamento leva, à primeira vista, a essas conclusões equivocadas sobre a pessoa de Deus e sobre suas ações para com a humanidade e o mundo criado. Ainda mais quando, essas mesmas passagens, são postas em comparação com os textos do Novo Testamento, nos quais Deus tem um semblante mais ameno, amistoso e amoroso.

Como já mostramos no tópico sobre o Antigo Testamento, parece que essa tese do Deus carrasco e cruel caiu por terra, uma vez que pudemos ler muitas passagens bíblicas que revelam um Deus que tem nome, Javé, e que tem um cuidado especial com seu povo. Um relacionamento que manifesta ternura, atenção e, sobretudo, paternidade responsável e providente.

O destaque para a expressão “Abba, Pai!” ocupa o primeiro lugar em nossa exposição por motivos óbvios. Acrescente-se, ainda, que em todas as orações de Jesus dirigidas a Deus a expressão “meu Pai” é utilizada.

Abba é a palavra Aramaica para “pai”. A palavra ocorre três vezes no Novo Testamento (Marcos 14.36, Romanos 8.15, Gálatas 4.6. Em cada caso ela tem a tradução grega que a acompanha, lendo (abba ho pater) no texto grego, “abba, pater” na Vulgata Latina, e “Abba, Pai” nas versões em português.

E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice: contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.

O uso feito por Jesus da palavra “Abba” e registrado somente aqui nos Evangelhos, parece ter sido freqüente nos lábios de Jesus ao se referir a Deus como Pai, segundo entende Joachim Jeremias. Este estudioso do Novo Testamento sustenta a idéia de que o pano-de-fundo aramaico

do Novo Testamento denuncia o uso deste termo por Jesus em outras passagens bíblicas, visto que a variação na forma do grego aponta para esse uso, por exemplo, em Mateus 11.25-26 onde aparecem duas formas (casos – vocativo e nominativo) no mesmo trecho. Estas ocorrências, segundo ele,

*... não se podem explicar sem se levar em conta o fato de que a palavra *abbá* – como o veremos – servia correntemente no aramaico da palestina no primeiro século, não só de invocativo, mas também para dizer “o pai”.⁵*

Os textos de Romanos 8.15 e Gálatas 4.6 parecem indicar na mesma direção de que Jesus usava “Abba” em suas orações.

Vejamos Romanos:

Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai.(8.15)

Aqui claramente se diz que a adoção (de filhos) é a autorização para que os cristãos clamem “Aba, Pai”.

5. Joachim Jeremias, *A Mensagem central do Novo Testamento*, 3ª edição, São Paulo, Paulinas, 1986, p. 21.

Gálatas 4.6 podemos avançar um passo e, fundamentados na passagem

E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!

afirmar que o “Espírito de seu Filho”, referindo-se a Jesus, sem sombra de dúvidas, é o mesmo Espírito que atua nos crentes e daí clamar da mesma forma que clamava o Filho “Abba, Pai”.

Em ambos os textos das epístolas fica evidente que desde muito cedo as comunidades cristãs herdaram de Jesus, pela tradição apostólica, também o modo de se dirigir a Deus como Pai, clamando pelo mesmo Espírito “Abba, Pai”.

Jesus é o grande ensinador acerca do “Pai”, não no sentido de “revelador”, contudo, D’Aquele que se relaciona na intimidade com Deus.

Vejamos alguns pontos deste ensino.

Inicialmente, notamos que Jesus usa indistintamente a expressão “meu pai” e, dirigindo-se aos discípulos, “teu/vosso pai”. Não há diferença significativa nas duas expressões, há, pelo contrário, um alinhamento da pessoa de Jesus com seus seguidores, em relação ao Pai, isto é, ambos gozam do privilégio filial de filhos de Deus.

Logo na catequese sobre a oração, chamada de “Oração do Senhor” há um plural “Pai nosso” que denota inequivocamente que estamos diante de um ensino inclusivo e acolhedor no qual Jesus coloca-se como “um” dos filhos (diga-se o Primogênito) de Deus.

O fato de Jesus utilizar o plural “Pai nosso” tem conseqüências relacionais imediatas. Por exemplo, o privilégio que notamos em Mateus 6.6:

Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Nesta passagem há uma metáfora da intimidade de Deus com seus filhos, seguido da expressão, que revela o cuidado paternal de Deus, logo a seguir, no verso 8:

Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.

Por todo o capítulo seis de Mateus podemos enumerar esses aspectos do relacionamento de Deus como seus filhos. Expressões como: “Pai celeste as sustenta” (verso 26 – as aves e também vós), “vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas” (verso 32 – alimento, bebida, roupa) revelam o cuidado, e a solicitude de Deus (cf. Mateus 7.11)

Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?

O Novo Testamento também utiliza a palavra “Pai” para Deus no sentido de que Jesus é “seu” filho.

Em outros lugares podemos ver Deus como um “Pai Universal” no contexto de pais e filhos, por exemplo, I Coríntios 6.18 lemos:

serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.

O mesmo ocorre em Efésios 3.14-15, onde lemos:

Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra....

Assim, Hebreus 12.9

Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos?

E I João 3.1

Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo.

Isto está intimamente relacionado com o fato de que fomos adotados dentro da família de Deus como filhos e filhas pela mediação de Jesus.

Uma discussão exaustiva do uso de “Pai” no Novo Testamento não é possível aqui e está fora dos propósitos do curso. Por isso uma relação de todas as passagens do Novo Testamento nas quais aparece o termo “Pai” vai ao final deste texto para um aprofundamento posterior.

Ressaltamos, porém, que o “Deus Pai” do Novo Testamento nada fica a dever para o “Deus Pai” do Antigo Testamento. Aliás, notamos uma profunda similaridade entre a paternidade de Deus em ambos os testamentos, enriquecidos mutuamente na compreensão de um Deus relacional que empenha todos os esforços por uma paternidade responsável.

ABBA PAI: NOS DIAS ATUAIS

Desde o início de nossas reflexões, a preocupação que norteia a busca pela compreensão de figura de Deus como Pai é aquela de tentar encontrar uma expressão de Deus que revele seu caráter de um Pai que realmente mereça ser chamado de tal.



No começo formulamos perguntas acerca do papel desempenhado pelos pais na atualidade e perguntamos pelas funções e pelo “semblante” dos pais nos dias atuais. Como são vistos e como desempenham a sua paternidade.

Além disso, na sociedade pós-moderna, os papéis de paternidade e maternidade sofreram uma simbiose tal que, distingui-los parece uma tarefa impossível, pois o que se nota, não apenas sobrepõem-se, mas de tal forma desempenhados por ambos, pai e mãe, que já não se pode separá-los, sob pena de empobrecer um e outro.

Ainda encontramos, muitas vezes, pais que, por não compreenderem esse quadro de simbiose de papéis, permanecem nos ditames da era moderna, industrial, querem dizer, que distribui funções, autoridade e privilégios pela posição que determinada pessoa ocupa dentro da escala social.

Está fora de questão o legítimo e necessário papel social de “pai”. Não estamos discutindo isso aqui. O que está em jogo é a referência sócio-cultural que temos de “pai” para alcançarmos uma leitura mais justa, se podemos dizer assim, dos textos bíblicos que apresentam Deus como Pai, pois é uma escolha hermenêutica decisiva para se compreender mais e melhor os textos sagrados do Novo e Antigo Testamentos.

As pistas que encontramos nos dois Testamentos servem de fundamento inicial para uma reflexão mais profunda sobre o tema: Abba, Pai!

As questões propostas para o aprofundamento podem ser estas, inicialmente:

1. Com uma nova visão dos papéis desempenhados por “pai” e “mãe” nos dias atuais, é possível encontrar indícios, pistas ou mesmo fundamento na Bíblia que permita uma reconceitualização de “Abba, Pai”?
2. O Antigo e Novo Testamentos fornecem material substancial para uma reflexão sobre o papel das emoções no trato com Deus Pai. Isso quer dizer que entram a afetividade, a compaixão, a ternura, o carinho na composição de uma nova Imagem de Deus Pai. Seria despropositado redimensionar os chamados “Atributos de Deus” da Teologia Clássica, com esses novos elementos que fogem à racionalidade que sustenta tal Teologia Clássica?
3. O remodelamento da visão de “Deus Pai” com os elementos da abordagem que inclui as emoções, pode gerar uma exigência na Antropologia Bíblica, também?

É óbvio que as questões para reflexão não podem e não devem se restringir as essas colocadas, todavia há que se começar por algum lugar, e propomos esse.